**ASPECTOS HISTÓRICOS DA LINGUA PORTUGUESA E FORMAÇÃO DA VARIANTE BRASILEIRA**

Silvia Regina Paverchi (UFS)[[1]](#footnote-1)

 *“*Não há uma língua, mas línguas em português*.*” Essa afirmação do saudoso escritor José Saramago bem espelha a situação do português falado no mundo atualmente. Língua oficial em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, registros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) apontam também outras regiões de presença lusitana no passado e onde, ainda que em menor proporção, é falado: Ásia: Macau, Goa, Damão, Celão, Cochim e Málaca; África: Annobón (Guiné Equatorial), Ziguinchor, Monbaça e Zanzibar; Europa (Espanha): Almedilha, Cedilho, La Condosera, Ferreira de Alcântara, Galícia, Olivença e Vale de Xalma. E nas últimas décadas a ocorrência de fluxos migratórios de brasileiros para os Estados Unidos e Japão resultou na formação das duas mais recentes comunidades lusófonas nesses países (Ponce, 2009).

Com base nesses dados, o mundo lusófono aponta para mais de 210 milhões de falantes espalhados pelo mundo. Em cada região de chegada o português vem adquirindo características próprias de fala e de escrita nesse encontro com línguas pré-existentes e/ou posteriores, resultando muitas variações fonéticas, quiçá estruturais.

Trazendo à tona um pouco de sua história, em seus aproximados oito séculos de existência o português já em sua gênese se identifica como língua de diásporas várias. Foi originado do latim vulgar falado por comerciantes e soldados do Império Romano e pelos povos por ele conquistados na Península Ibérica, área hoje correspondente à Espanha e Portugal. Essa forma latina mais popular levada pelos conquistadores foi se mesclando com as línguas locais e originando diferentes variações, constituindo as línguas do chamado grupo românico do qual, juntamente com o espanhol, o italiano e o francês, dentre outras, o português faz parte.

No século XVI a expansão marítima portuguesa levou a língua para diferentes regiões do mundo, dentre elas o Brasil que por seu tamanho veio a se tornar o maior país lusófono da atualidade. Esse português lusitano se mesclou inicialmente com as línguas indígenas locais, mormente mencionadas como de origens “tupi” e “guarani”, nomes de tribos litorâneas brasileiras com as quais os colonizadores travaram primeiros contatos. Observamos que sobre este assunto há carência de registro histórico mais aprofundado e novas pesquisas se encontram em desenvolvimento acerca das influências das várias línguas ameríndias na fala brasileira. Segundo estudos mais recentes, eram mais de 1200 línguas em uso que, devido à força dessa colonização portuguesa e por serem línguas “ágrafas”, desapareceram sem deixar registro.[[2]](#endnote-1)

Entre os séculos XVI a XIX, com intuito de desenvolver o plantio da cana de açúcar, o Brasil viveu o período escravagista. Os colonizadores não tinham conseguido explorar a mão de obra indígena devido ao surgimento de muitos conflitos entre esses grupos e também pelo alto grau de mortalidade de índios nas lavouras. Então, na segunda metade do século XVI a colonização portuguesa deu inicio ao tráfico internacional de escravos da [África subsaariana](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica_subsaariana) para o Brasil. Este movimento migratório forçado, de maior proporção na História Mundial, desenvolveu-se nos séculos posteriores e foi extinto em [1850](http://pt.wikipedia.org/wiki/1850), embora a abolição da escravatura no Brasil tenha ocorrido apenas em 1888.

Abordando as influências linguísticas resultantes dessa diáspora africana no Brasil, mencionamos o mapeamento da origem geográfica desses povos.

“(...) o tráfico transatlântico trouxe para o Brasil 4 a 5 milhões de falantes africanos extraídos de duas regiões subsaarianas: a região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste-africana ou sudanesa, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria” (Pessoa de Castro, 2005)

E ocorreu a segunda mescla da língua portuguesa, dessa vez com as línguas africanas originadas do grupo da grande família lingüística niger-congo, faladas pelos diferentes grupos étnicos de africanos enviados ao Brasil:

 “A região banto compreende um grupo de 500 línguas muito semelhantes, que são faladas na África sub equatorial. Entre elas, as de maior número de falantes no Brasil foram três línguas angolanas: quicongo, também falada no Congo, quimbundo e umbundo. Das línguas oeste-africanas ou sudanesas, seus principais representantes no Brasil foram os povos do grupo ewê fon provenientes de Gana, Togo e Benim, apelidados pelo tráfico de minas ou jejês, e os iorubás da Nigéria e do Reino de Queto (Ketu), estes últimos na vizinha República do Benim, onde são chamados de nagôs “(id)

A assimilação dessas línguas africanas pelo português se deu pela necessidade permanente de contato entre os africanos escravizados e os colonizadores. Era necessário conviver e se fazer compreender num ambiente hostil, frente a enormes adversidades vivenciadas pelos escravos. Tal processo comunicativo envolveu gerações brasileiras, de filhos de escravos, de índios e de colonizadores, e de filhos também fruto de mestiçagem dessas diferentes raças, que foram surgindo no decorrer e depois do regime escravagista. Em meio a esta assimilação, há relativa semelhança na estrutura linguística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas e este aspecto deve ter favorecido a miscigenação da língua através do “sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o, ô, u) e a estrutura silábica ideal consoante vogal, consoante vogal (CV.CV), onde se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba e não há sílabas terminadas em consoante.” (ibid)

E complementa ainda Pessoa de Castro que:

“essa semelhança estrutural provavelmente precipitou o desenvolvimento interno da língua portuguesa e possibilitou a continuidade da pronúncia vocalizada do português antigo na modalidade brasileira (onde as vogais átonas também são pronunciadas), afastando-a, portanto, do português de Portugal, de pronúncia muito consonantal, o que dificulta o seu entendimento por parte do ouvinte brasileiro, fazendo-lhe parecer que se trata de outra língua que não a portuguesa (Cf. a pronúncia brasileira \*pi.neu, \*a.di.vo.ga.do, \*su.bi.ma.ri.no em lugar de pneu, a(d).v(o).ga.do, su(b).m(a).ri.no)” (Op.cit.)

Podemos concluir que esta dita influência foi determinante para a formação da variante brasileira. A obrigatoriedade do português como língua oficial no Brasil imposta pelos colonizadores e posteriormente por governos foi um processo autoritário e violento. No entanto, essa proibição expressa de comunicação noutra língua contribuiu, de certa forma, para o aparecimento desta “nova” língua portuguesa baseada num instrumento de comunicação surgido da necessidade de uma fala comum e compreensível a todos. Da inauguração desse falar miscigenado nasceria ao longo dos tempos a escrita miscigenada com reconhecimento oficial: o “português brasileiro”, cujo processo de atualização se encontra em permanente transformação devido ao intenso fluxo migratório recebido nos períodos posteriores do qual ora será tratado.

Entre final do século XIX até os dias atuais a vinda de vários imigrantes de origem europeia, asiática e americana, agregou novos componentes linguísticos a este já híbrido português. Fatores como: a pressão britânica para pôr fim à escravatura, a crescente necessidade de mão de obra para trabalhar no cultivo do café e dado que o governo brasileiro já havia autorizado o “Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas” em 1808, criaram contexto propício à imigração.

A partir de 1824 chegaram grandes contingentes de imigrantes alemães, italianos, portugueses, franceses e espanhóis; e grupos menores de poloneses, austríacos e russos, que em sua maioria se instalaram nas áreas rurais das regiões sudeste e sul do Brasil. A partir de 1902 chegaram os japoneses que se instalaram na Capital e no interior do Estado de São Paulo, e também em Mato Grosso.

Dado o crescente processo de urbanização a partir da segunda metade do século XX, além do êxodo rural, o Brasil passou a ter fluxos migratórios urbanos com a vinda de origem árabe e, mais ultimamente, coreanos, chineses, bolivianos, peruanos e argentinos, os quais majoritariamente vem se instalando na região metropolitana da cidade de São Paulo.

Essas correntes migratórias vieram (e estão) uma vez mais a influenciar a “fala brasileira”. Esse processo, principalmente as correntes rurais, veio a consolidar o surgimento dos vários dialetos regionais responsáveis pela formação de rica e variada gama de expressões e modos de se expressar dessa variante, nos requerendo abordar posteriormente o sistema fonético resultante e atual do português brasileiro.

Há registros apontando que a “fala” (e escrita) brasileira mantém 70% de sua origem latina e apresenta relativa unidade, mas, como dissemos, há grande diversidade de dialetos e este fato, se considerarmos sua dinâmica, pode vir a alterar esta estatística. O uso de termos, sentenças e cadências várias englobam de forma regional influências de todas as raças, culturas e costumes que originaram a civilização brasileira atual. Eles aparecem com maior ou menor intensidade de influência de acordo com a concentração de cada um desses povos imigrantes em sua região de fixação. Daí o surgimento e registro atual de aproximados 17 dialetos regionais, de acordo com a classificação do filólogo Antenor Nascentes, dos quais esboçamos apenas alguns exemplos mencionando sua nomenclatura e região onde são falados.

|  |  |
| --- | --- |
| **Dialeto** | **Região** |
| Caipira | parte do interior do Estado de São Paulo e de Goiásparte do norte do Paraná, parte do Mato Grosso e Mato Grosso do Sulsul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro |
| Baiano | Bahia |
| Carioca | Cidade do Rio de Janeiro |
| Gaúcho | Rio Grande do Sul |
| Nordestino | Estados do Nordeste brasileiro |
| Paulistano | Cidade de São Paulo |

Do falar caipira destacamos o som do “r” semelhante ao de pronúncia inglesa, em contraposição ao som do “r” carioca que é chiado e do “r” aspirado falado pelos paulistanos (da cidade de São Paulo). Contudo, observamos quase ausência de som desse “r” na fala geral do Brasil quando este se encontra no final da palavra, exemplos: querer (“querê”), falar (“falá”). O uso de expressões cotidianas muito próprias em cada dialeto e seus respectivos ritmos/sotaques muito diferenciados é compreensível a todo brasileiro, mas se torna um desafio auditivo para o aprendizado dessa variante como lingua estrangeira.

 A peculiaridade dialetal existente não impediu o compartilhamento de mesmo sistema fonético pelo português brasileiro, porque justamente determinou sua formação diferenciada do português de Portugal. Esse sistema fonético é constituído por 34 fonemas, sendo 13 vogais, 19 consoantes e duas semivogais, conforme explicitamos na tabela com respectivas características fonéticas e exemplos de pronúncia de vocábulos.





Tabela extraída de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs_brasileiro#Sistema_fon.C3.A9tico>

E das ditas expressões “muito próprias”, consideramos oportuno reforçar as influências indígenas e africanas, bem como o uso dos neologismos, uma vez que estamos frente a um processo permanente de formação de novos significantes que vêm a se agregar ou mesmo alterar o léxico da variante brasileira.

De origem ameríndia, de acordo com Patrícia Mariuzo, destacamos os chamados “tupinismos”, também conhecidos como “brasileirismos”, que aparecem como sufixos e funcionam como adjetivos, mas não alteraram a fonética nem a morfologia da palavra a que estão ligados. Exemplos:

|  |  |
| --- | --- |
| **Sufixo/ significado** | **Palavra originada/significado** |
| açu (grande)  | *babaçu* (palmeira grande) |
| -guaçu (grande) | *mandiguaçu* (peixe grande)  |
| -mirim (pequeno) | *abatimirim* (arroz miúdo) |
|  -rana (parecido com) | *brancarana* (mulata clara)  |
| -oara (valor gentílico, naturalidade) | *marajoara* (natural da Ilha de Marajó, Pará). |
| E os **Substantivos:**  |  |
| *moqueca* e *mingau* (pratos tipicos), *guri* (garoto), *xará* (pessoa de mesmo nome), *catapora* (doença varicela);  |

|  |
| --- |
| *Ceará*, *Pará*, *Ipanema*, *Tijuca* (topônimos);  |
| *Iraci*, *Araci*, *Peri* (nomes de pessoas).  |

 |
|  |

De influência africana destacamos algumas palavras incorporadas das línguas de Angola, mormente do umbundo e do quimbundo, as quais tem uso corrente no Brasil: *bunda* (nádegas), *pirão* (comida típica), *abacaxi* (ananás), *moleque* (menino), bem como o termo *semba*, cujo significado original é “dança da umbigada” e se metamorfoseou em “samba”.

 Há palavras que se adaptaram com conotação negativa. Exemplos:

|  |  |
| --- | --- |
| **Palavra/significado africano** | **Palavra/ significado no Brasil** |
| “*makombá*” (louvação religiosa) | *macumba* (fazer o mal com uso de magia negra) |
| *senzala* (aldeia africana) | *senzala* (galpão onde dormiam os escravos) |
| *chana* (campo, savana) | *chana* (o órgão genital feminino – “expressão chula”) |

Prosseguindo com exemplos de sonoridades e significações, registramos também o aparecimento de outras palavras novas, quer por derivação ou por influência de outras línguas, e que são diferenciadas na pronúncia/ escrita ou mesmo no sentido em relação ao Português de Portugal:

|  |  |
| --- | --- |
| **Brasil** | **Portugal** |
| Aquarela | Aguarela |
| arquivo (de computador) | Ficheiro |
| Aterrissagem | Aterragem |
| Banheiro | casa-de-banho ou quarto-de-banho |
| Calcinha | cuecas femininas |
| Carona | Boléia |
| Concreto | Betão |
| Estúpido | Parvo |
| fila de pessoas | Bicha |
| Grampeador | Agrafador |
| Legal | Fixe |
| Mamadeira | Biberão |
| Ônibus | Autocarro |
| Terno | Fato |
| Isopor | Esferovite |
| Trem | Comboio |
| Torcida | Claque |
| Descarga | Autociclismo |
| privada ou vaso sanitário | retrete ou sanita |

As expressões “*bicha*” (fila) e “*rapariga*” (mulher jovem) utilizadas em Portugal recebem conotação negativa e vulgar no Brasil, se referindo a homem afeminado e a prostituta, respectivamente.

E, por fim, mencionamos exemplos de uso dos neologismos adaptados da língua inglesa: gol (*goal*), futebol (*football*), forró (*for all*), deletar (*to delete*), bife (*beef*), etc. Desta última influência também o uso de tempo composto foi absorvido amplamente pela fala brasileira. Expressões como “nós vamos” foram substituídas por “estamos indo’, ou, num atropelo total da gramática: pela expressão: “nós vamos ir” ...

A necessidade comunicativa em português que se operou no Brasil através do encontro de povos de origem tão distinta resultou na formação de um país reconhecidamente monolíngue, ainda que conte com tantas variações de acento regional. A tendência, considerando a influência contemporânea do inglês, é o uso de número mais reduzido de palavras a que chamou Saramago de *“*processo de involução*”,* uma vez que muitas expressões do português original vêm se perdendo, seja no Brasil, seja noutros países lusófonos colonizados, ou mesmo em Portugal. Entretanto, fazemos um contraponto a essa percepção com outra do poeta Manoel de Barros, em que exalta a grande predisposição da língua portuguesa de “se casar com o chão”, de se misturar com a terra para onde vai e “aceitar todas as variações de tom e cor” para formar variantes que dão nova vestimenta a este corpo da língua. Ou será este corpo já de outra composição?

 O fato é que as variações do português no Brasil, em Portugal ou noutros lugares onde a colonização portuguesa se estendeu, tiveram todas por motor o surgimento de cenários históricos novos. No Brasil, a chegada de maior fluxo de povos, mais encontros e miscigenação de diferentes etnias e culturas, sujeitou esses grupos a inusitados acontecimentos e desafios neles contidos. Daí se tratar de uma rica formação de variante, a mais estudada no mundo, nascida da necessidade de uma nova linguagem que pudesse dar conta de exprimir necessidades, vontades e desejos, por vezes contraditórios, presentes até hoje em tão heterogênea massa humana que o compõe. A constante necessidade de adaptação, inserção e atuação transformadora numa sociedade tão heterogênea e assimétrica como ainda é a brasileira nos convida a dizer que também uma constante busca de adequação da linguagem se faz necessária à língua portuguesa nessa variante. Como disse Glauber Rocha "sem linguagem nova não há realidade nova”. É preciso recriar linguagem e língua para compreender e se fazer compreender.

Referências:

MARIUZZO, Patrícia.A (mu)dança das línguas. Disponível em: [http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=218](http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=218http://www.cplp.org) Acesso: 29/11/2013

MORELLO, Rosangela; MÜLLER DE OLIVEIRA, Gilvan. **Uma política patrimonial para uso de línguas brasileiras***.* Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=211>. Acesso: 29/11/2013

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Das línguas africanas ao português brasileiro.** Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=214>. Acesso: 29/11/2013

PONCE, Maria Harumi de. **Bem-vindo - A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação.** SBS. São Paulo, 2009.

Filme: **Língua- vidas em Português.** Direção: Victor Lopes. Brasil/ Portugal: 2003.

<http://www.cplp.org/>

1. Doutoranda do Programa Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, professora assistente da Universidade Federal de Sergipe, professora do Departamento de Secretariado Executivo (DSE). E-mail: silviapaverchi@usp.br [↑](#footnote-ref-1)
2. [↑](#endnote-ref-1)